

## Kid Abelha solta o verbo

*Dezoito anos depois de sua estreia, o Kid Abelha dá uma guinada em sua história e muda de gravadora. Todo o momento da banda e os bastidores desta mudança, além de detalhes sobre o passado recente, são detalhados nesta nova entrevista de Paula Toller, George Israel e Bruno Fortunato ao "Internacional Magazine", realizada durante 90 minutos de conversa no estúdio da banda na Gávea, zona sul do Rio.*



**International Magazine** - Gostaria de começar falando sobre as mudanças de gravadora. É um namoro que já rolava?

**Paula Toller** - Na última vez em que a gente renovou o contrato com a Warner, já tinha assim uma certa insatisfação e a gente já pensou em mudar. Mas acabou que teve o "Meu Mundo...", que foi um trabalho legal e aí você nunca sabe se é aquela coisa do momento: o disco certo na hora certa. O Brasil estava num momento de crescimento e então juntou tudo, o show e tudo mais foi bom pro disco - que vendeu etc. Mas aí veio o "Autolove", que foi um disco muito elogiado - um disco bom, pelo qual a gente tinha muito carinho - e que, depois de muita discussão, pegou aquela fase de 98... quando a coisa começou a ir pro brejo. Mas eu sinto, analisando friamente, que a gravadora não conhecia o disco que ela tinha. Então teve erros de trabalho, na escolha de música etc., pois achavam que estavam com um disco e estavam com outro. Problemas internos de direção artística, pois foram meses sem um diretor artístico... e tudo a gente ali com um disco quente, saído do forno com uma confusão interna também - além da questão da falta de divulgação, pois tudo se retraiu economicamente. Então, enfim, foram discussões sofridas e várias... e dali em diante a gente achou que até fosse melhor mudar...

**International Magazine** - ... depois de 18 anos, né?

**George Israel** - A gente é conservador, mas tem uma hora que é bom dar uma arejada, trabalhando em outros lugares.

**International Magazine** - Mas era notório que vocês já tinham um pé fora da gravadora.

**George Israel** - É, porque a gente gravou um disco só de inéditas - que foi o "Autolove" - e a gente não sentiu nenhum tesão por parte da gravadora. Quer dizer, é óbvio que eu estou exagerando, mas a gente não sentiu aquele lance de trabalhar um disco novo e com 11 músicas inéditas. Como você tem lá um catálogo inteiro, dá a impressão de que ele começa a ter mais peso. Agora o que agente sentiu que deu mais tesão foi o fato de estar entrando numa gravadora em que o primeiro disco é tudo o que gente tem ali, entendeu? Então só essa sensação anterior já faz com que a gente faça o disco com outra ideia. Não é mais um disco do Kid, então o que aconteceu agora com o "Surf" foi que tanto a gente como a gravadora ficamos empolgados com aquele disco e com aquelas músicas e é isso que dá tesão de trabalhar.

**Paula Toller** - Depois tem uma coisa: eu acho que a Warner foi ficando pequena para a gente, no sentido de trabalho de divulgação e de marketing. Ao mesmo tempo que já era quase familiar, na parte de business a coisa não era familiar. Os contratos e royalties são como em qualquer major internacional, mas é claro que a gente tem uma possibilidade de negociar bem - muito embora a coisa nunca passe de um certo limite. Mas o trabalho é muito como se fosse um selo, então a gente achou que seria mais interessante ir para um selo e fazer algo mais familiar, caso não pudéssemos ter um trabalho mais agressivo. Pra ficar na mão de uma multinacional, é isso que importa... então eu acho que a escolha da Universal também foi por isso. E, assim, pelo fato de saber que haveria uma não intervenção artística. Foi muita conversa antes, como se almoçou... Nossa Senhora!

**George Israel** - A Warner nesse ponto era tranquila, afinal era esta a filosofia dela desde o começo. o cast era muito baseado nas bandas e os diretores artísticos Liminha, Paulo Junqueiro e agora Tom Capone seguem a mesma linha, com uma pessoa que sempre tinha proximidade com a gente. Paulo trabalhou com a gente antes de ir pra Warner, já tinha até produzido disco da gente. Tinha sido nosso engenheiro de som e o Tom agora segue a mesma linha lá dentro.

**Paula Toller** - Acontece que a gente até tava querendo uma interferência maior, mas que não havia. Não de ficar mudando música ou não sei o quê, mas no sentido de orientar o trabalho para que ele pudesse render mais. Depois que o disco está pronto, a gente quer ver como é que ele vai ser anunciado e quais as fotos que vão sair e que tipo de

texto vai anunciar numa determinada publicação. A gente mantém esse trabalho, inclusive música de trabalho a gente sempre negocia e a coisa rola de comum acordo, mas a gente estava sentindo falta de uma visão mais comercial. Não adianta você fazer tudo do jeito que você quer e depois nego "estão tá, beleza, lança aí, vai". E a gente sentiu isso... e a gente fala isso na maior tranquilidade, porque a gente falou muito com todas as pessoas responsáveis na época. Foi muita discussão durante um ano inteiro e chegou uma hora que cansou, sabe? "Não adianta, que a gente não vai chegar a conclusão nenhuma; nem de quais foram os erros, nem como tem que ser daqui pra frente". Foi ótimo... e aí fizemos o "Coleção".

**Bruno Fortunato** - Sem querer ficar reclamando, mas dava a impressão de que você tinha que ficar contando com a sorte. E não só a gente, eu tenho a impressão de outras bandas amigas nossas também, mesmo que tivessem vendido muito, no próximo disco tinham que contar com a sorte.

**George Israel** - Até um pouco pra sair dessa ladainha, a gente resolveu sair e a gente tem mais é que fazer o nosso serviço.

**International Magazine** - O que me surpreendeu é que vocês foram para uma gravadora grande e com um cast enorme, onde existe sempre uma possibilidade de serem engolidos. A coisa teve que ser muito bem conversada, né?

**Paula Toller** - É, mas também pra eles era uma novidade. Eles queriam um artista pop grande, porque eles não tinham banda da nossa geração. Era muitas cantoras, axé, etc., então eles estavam querendo abrir mais. Eu acho que é isso, e eles queriam uma contratação dessa nossa turma.

**International Magazine** - Aproveitando o ressurgimento do Rock Brasil? Como vocês veem esse revival?

**Paula Toller** - A gente vê isso bem de fora, a gente veio desde aquela época, sem nenhuma interrupção. Alguns pararam ou sei lá o que aconteceu, então é bem diferente e eu não consigo imaginar. Quando me falam sobre "ressurgimento", eu me pergunto se é isso mesmo... porque todo ano ressurgem um negócio. Mas não é bem assim, talvez com a



queda desses grandes modismos sempre pintem de novo aquelas pessoas que fazem uma música mais autoral. Talvez seja isso, uma falta de banda pra se identificar. É diferente de um artista ultra comercial, que pode ser até legal ou não. Não estou querendo discutir esse assunto, mas uma banda que faça suas próprias músicas e que tenha suas características e seus defeitos, sempre tem uma turma sentindo falta pra seguir. Então sempre aparece alguém, ou é uma banda com um cara que tenha uma voz assim ou assado. Bem, tem a ver com esses projetos também né? "Acústicos" etc.

**George Israel** - Teve uma época em que foi meio pro buraco o pop rock, então tivemos umas bandas que - por um motivo ou outro - acabaram parando. A gente e mais algumas continuamos, mas de qualquer maneira era um momento que eu lembro que estava todo mundo meio desanimado... no começo dos anos 90. Eu me lembro até da situação dos Paralamas e daí aquela história de que eles foram mais pra fora, porque aqui não estava mais a mesma coisa. Não tava legal para de ter esse segmento, então eu acho que quando começou a voltar todo mundo que tava na ativa e - por coincidência ou não - na época do crescimento econômico de 95. Rolou um gás e todo o pop rock voltou, tivemos bandas como Skank e Cidade Negra pintando com a maior força. Veio todo mundo com discos legais e pra gente mesmo eu não digo que tenha sido um ressurgimento, mas deu uma pancada e a gente chegou novamente e de um jeito que nem no começo a gente tinha vendido tanto. Eu me lembro até de uma entrevista do Dinho antes deles voltarem, falando que estava voltando e comentando o nosso disco...

**Paula Toller** - Falando mal, né?

**George Israel** - Mas comentando isso, colocando como uma volta da força dos anos 80.

**Bruno Fortunato** - Essas bandas todas têm um público muito fiel e só falta ter um veículo de mídia. Capital e Ira! Podem fazer shows no interior sem a gente ficar sabendo, que enchem com seus públicos. Mas a partir do momento que você dá um espaço para a pessoa...

**Paula Toller** - Quando você tem uma retração no mercado, as gravadoras só ficam com o que der mesmo. Para quem está mais ou menos ou ainda se estruturando, o negócio é cruel mesmo.

**International Magazine** - O que muda no Kid Abelha com este novo disco e esta nova fase? Este novo trabalho vem sendo pensado desde o ano passado, quando vocês ainda estavam almoçando com a Universal né?

**Paula Toller** - É verdade, mas agora a gente já está no cafezinho! (rindo) Foi bom, porque é uma pressão e a gente tem que ganhar - como no esporte.

**International Magazine** - Vocês não sentiram essa pressão depois do "Autolove"?

**Paula Toller** - Não, porque depois do "Autolove" a gente já estava numa de que tudo tinha acabado. Não paramos, mas já sabíamos que eles iam jogar mais um disco no lixo. Na verdade era isso, a gente já não tinha mais nenhuma esperança de que alguma coisa acontecesse. Só se fosse milagre... e, como milagre não acontece e eu nunca vi acontecer nenhum nesse negócio que a gente faz, a gente ficou totalmente desanimado e começou realmente a guardar. Agora, como a gente tinha que fazer um disco e não queria fazer um negócio qualquer - como seria um disco inédito ruim, com músicas ruins ou médias ou às quais a gente se dedicasse pouco e fizesse com o pé nas costas. A gente foi aos poucos pensando num projeto que fosse interessante e que fosse bem feito e que fosse um produto bom, assim como o disco de remixes foi um produto bom - só que foi uma encomenda que fizeram pra gente e tal. Acabou que a gente, como acontece sempre, começou a fazer, pentelhar, burilar e querer fazer legal as coisas e escolhendo bem e mixando. Acabou que a gente fez um disco super legal e que também foi pro lixo.

**George Israel** - É, mas pelo menos a gente se divertiu né? Assim, um disco de músicas inéditas é uma relação e uma entrega. Então a gente pegou coisas que a gente achou que estavam mal aproveitadas ou de repente espalhadas, além das gravações inéditas terem ficado muito legais. "Coleção" é o último de nosso contrato.

**Paula Toller** - Foi mais uma incompreensão, porque a gente entregou pra eles um produto que a gente achava bom, vendável e eles também não tiveram interesse nenhum em pegar e vender. Tem uma hora em que nego não quer, bota de lado mesmo e só pensa no catálogo. E aí entra coletânea disso, coletânea daquilo, você fica vendo aquilo e de repente alguém te pede pra dar um autógrafa no seu "disco novo" e é uma coletânea. Aconteceu isso com uma coletânea vagabunda que eles lançaram.

**International Magazine** - Vocês não têm controle sobre isso?

**Paula Toller** - Sobre coletânea não...

**George Israel** - A gente pode até ter, pois a gente até tentou conversar sobre isso no final. Eu até comentei que, mesmo quando você deixa uma gravadora, o catálogo fica lá e com todos os hits.

**Paula Toller** - A gente pode não autorizar as músicas...

**George Israel** - Você faz um monte de coletâneas, com um monte de capas diferentes e acaba que aquilo pode até vender legalzinho, mas dá uma bagunçada e ninguém entende nada. Isso é um desrespeito.

**Paula Toller** - Tem muita gente que acha que isso é o disco novo, entendeu? Eu acho legal ter coletânea, porque populariza e é bacana. Agora, tem horas que tem que dar uma segurada... porque você está lançando o seu disco novo e aí o cara não sabe direito, porque não acompanha tua carreira no dia a dia através de matérias. Só aqueles fãs mesmo é que sabem tudo, mas o público em geral não sabe disso... e fica viciado em sucesso, de tal maneira que perde o interesse em conhecer melhor as músicas que não tocam e não vão tocar no rádio. Eu não acho que todo mundo é obrigado a comprar todos os meus discos de carreira, mas é claro que a gente tem que tentar orientar de certa forma, para de vez em quando segurar a onda... E eles não fazem, acabam lançando barato e vagabundo.

**George Israel** - Tem um público que é de coletânea, né? Mas você pode fazer um disco que vira um clássico! Tem vários exemplos de discos que estão há 10, 15 ou 20 anos lá no Top 100 da Billboard. Tem coletâneas do América, dos Beatles etc., coisas que você faz e que ficam – não como uma coletânea definitiva, mas que todo mundo fica conhecendo. Isso já é legal.

**Bruno Fortunato** - Mas o "Coleção" teve uma coisa legal, porque a gente saiu satisfeito sentindo que tinha dado uma contribuição legal para nosso próprio momento. A gente ia mudar e ia ter uma mudança, foi meio um "Abbey Road" na vida da gente. A gente não entregou um "Let it Be", disco feito de qualquer maneira. A gente acha um disco muito legal, muito equilibrado e bacana. As modificações que a gente fez nas músicas ficaram legais pra caramba... e esse negócio da expectativa pra nova gravadora é a melhor possível. É claro que a gente só vai saber no decorrer do trabalho, mas a gente tá acreditando que a gente vai ter condições mais tranquilas de trabalho e de divulgação.



**International Magazine** - E a sonoridade neste "primeiro" disco de uma nova fase?

**Bruno Fortunato** - Este disco tem várias características, primeiro na escolha do produtor. A gente tem conversado e tem tido muita vontade de trabalhar com outras pessoas e com isso trocar figurinha, porque a gente já sabe que nosso trabalho interno de produção - do George com o Kadu - funciona e como funciona. A gente já sabe que dá certo e que fica super legal... e é bacana quando tem mais gente ainda dando opinião. Então a gente chegou a experimentar e quase fez duas músicas com o Liminha, mas ele também tava entrando na Sony e senti que ia ficar meio enrolado. Então a gente acabou deixando a coisa passar... e aí foi super legal porque o Memê já é uma pessoa mais próxima e que sempre traz alguma coisa nova. George tava amarradão no disco do Max de Castro e lembrou de chamá-lo... e foi legal porque tinha músicas com sotaque meio funk e que tinha muito a ver com ele e que a gente achou que poderia render. Foi legal, ele é uma pessoa bacana pra caramba de trabalhar - com um jeito totalmente diferente da gente, gravando a voz da Paula até as 6 da manhã! Gravamos praticamente tudo aqui e algumas coisinhas no estúdio do Memê.

**George Israel** - O legal deste disco é que o Memê e o Max também gravaram aqui, porque nessa história do primeiro disco pra Universal a gente também achava importante que o produtor fosse outra pessoa. Aí acabou rolando desse jeito e o Max e o Memê entraram no disco como um todo, ouvindo as outras músicas e trocando figurinha. Nos últimos três ou quatro discos a gente percebeu como é importante ter alguém chegando com coisas, visões e ideias diferentes. É divertido, porque você acaba conhecendo outras pessoas. O "Autolove" pra gente tem a cara do Egberto Gismonti, que é uma figura que veio de outro planeta pra fazer um negócio com a gente. Sempre que eu

olhar para aquele disco, ele vai me lembrar daquela historinha que rolou ali. Não falamos nada sobre a sonoridade, né? (risos)

**International Magazine** - O público vai sentir alguma mudança a partir de agora? É um divisor de águas?

**Bruno Fortunato** - Pela experiência que a gente tem, pode ser que eu esteja errado, mas é muito difícil... porque a gente se vira pelo avesso. Fazemos experiências diferentes a cada disco, mas as pessoas sempre acham a coisa "a cara do Kid Abelha". Então tem uma maneira da gente tocar e cantar as músicas, então eu não sei se essa percepção de mudança rolará agora. A gente busca mudança a cada disco, mas as pessoas assimilam com muita rapidez e isso é impressionante. Talvez precisássemos fazer algo muito radical, para rolar um comentário de "isso tá muito diferente".

**International Magazine** - Nessa nova fase, dentro de uma nova gravadora etc, vocês param pra pensar que irão fazer uma nova turnê e que nos shows o peso estará no repertório que pertence ao catálogo da outra gravadora e que só poderão tocar 5 ou 6 músicas do novo disco?

**Paula Toller** - Eles sabem a Banda que eles contrataram, então... Agora, a gente tem que ter confiança no taco do trabalho novo... e é claro que você faz um show sempre pensando tanto numa pessoa que nunca viu o Kid Abelha, quanto para uma pessoa que vê regularmente. É claro que tem uma diferença, se a gente faz o Rio e outras capitais todo ano. Mas existem lugares para onde a gente nunca foi. Se for um show numa feira ou num Rock in Rio, a coisa é mais popular. Você tem que equilibrar isso, forçando um pouco pra botar músicas novas ou fazendo as surpresinhas que pintam quando no camarim temos uma ideia de um negócio, assim meio mal ensaiado mesmo. A gente vê que o público gosta disso, o Kid tem um espaço grande pra improvisar no palco. O que a tal da experiência te dá é a noção de que não tem que fazer todos os shows iguaizinhos ao disco. A gente ficou muito tempo sem tocar "Pintura Íntima" e a gente não sentiu as pessoas chateadas porque não mais a tocássemos, mas de repente foi tão natural tocar de novo - antes dela ter estourado de novo - que a gente voltou a tocar e a gente ficou contente (...) Agora, quanto à preocupação de botar as novas músicas, outro dia a gente foi num programa de TV e pediram, além da nova música de trabalho, para que a gente tocasse um sucesso depois. Eu falei: "Resolve lá, por mim não tem o menor problema,

porque a música é nossa!" (rindo). A gente não pode ter esse problema, mas a produção da TV teve que resolver lá com a produção da Universal... porque realmente ficaria um problema ético. A gente tava ali lançando o disco, com a gravadora bancando através de sua verba de marketing, e eles preferiram que a gente não tocasse - o que eu achei muito correto, porque era o que eu achava também. Mas no fim até o público ficou cantando um sucesso antigo nosso, mesmo sem ter o playback rolando. Mas é claro que, quando a gente vai tocar ao vivo na TV, e tem programas em que tocamos 5 ou 6 músicas, a gente vai tocar... e aí somos o Kid Abelha.

**Bruno Fortunato** - Eu acho que a gravadora que contrata não tem essa paranoia ou esse pavor. É uma coisa muito natural, mas o mesmo tempo tem isso que a Paula Falou. A gente sempre quer sempre tocar o máximo de músicas novas a cada novo show de um novo disco, sem que o show corra o risco de perder o ritmo. É difícil, é um jogo de xadrez.

**George Israel** - O show também tem que ser interessante pra gente, e tem músicas que a gente até gosta de tocar sempre. mas pô, se a gente ficar numa de encontrar um show perfeito e for ficar ali pra sempre, vai ser um "Greatest Hits" só...

**Paula Toller** - Não, show-baile não dá. A gente vira cover do Kid Abelha. Mas tem gente que não percebe que é um novo show e acha que é igual ao anterior, porque a gente tem muita música desde o começo e eles não sacam os novos arranjos. No Rock in Rio a gente fez um show de 14 músicas, botando o máximo de músicas possível e sem muita falação. Teve nego falando que a gente tocou todos os sucessos... mas a gente não tocou todos os sucessos! E a gente não tocou só anos 80, a gente tocou sete músicas dos anos 80 e sete dos anos 90. Mas é que aquelas músicas ficaram tanto na cabeça das pessoas, que elas acharam que eram mais antigas. Que bom, porque eu nem sabia que a coisa tinha ficado meio a meio; não foi uma coisa planejada. Acabou que tocamos as melhores pra show, porque ali era festival e é competição mesmo - por mais que a gente ache que o importante seja fazer um bom show. Ali tinha a TV, que já é um agravante porque o show tem muita coisa pra dar errado, então demos uma sorte muito grande. O que eu achei de legal neste Rock in Rio é que quase todos os shows dos brasileiros foram muito bons, principalmente as bandas de pop rock. O fato de algumas bandas terem saído foi ruim por um lado, mas também não dava pra sair todo mundo. Primeiro, porque não houve essa movimentação coletiva que virou lenda. Não foi isso, foi um problema particular em que alguns ali entraram pilhando através de empresários. Se tivesse saído todo mundo, teria ficado aquele negócio de "ah, ia ser muito bom". Então, quem chegou lá

mostrou que na conta total foram melhores do que os estrangeiros - num geral. Teve um ou dois shows estrangeiros muito bons, mas a maioria...

**International Magazine** - Esta edição já representou um avanço, em relação às edições anteriores.

**Paula Toller** - Foi sim, e acho que o próximo tem que representar mais ainda - apesar de ser um festival que se propõe a ter muitos estilos. No próximo já vai ser bom, porque os brasileiros já vão poder inclusive ganhar melhor... porque isso foi uma coisa que ainda não deu! (rindo) Tudo isso é uma coisa sabida, todo mundo topou fazer por um cachê baixo, mas talvez no próximo o artista estrangeiro - que negocia através daquele escritório americano, que já vem com um tanque de guerra e com um show que custa não sei quantos mil - não faça mais aquela coisa meia-bomba. Talvez a gente tenha mais cacife para cada um ganhar o que merece.

**International Magazine** - Uma das coisas que eu lamento é que vocês saem da Warner sem deixar nada em matéria de vídeo, seja um VHS ou mesmo um DVD. Por mais que a Universal venha a investir num DVD do Kid Abelha, não falará muito para quem espera rever alguma coisa dos anos 80.

**George Israel** - Mas isso é engraçado, porque é uma coisa em que a galera não acreditava. É impressionante, porque a gente cutucava isso. A gente armou shows bacanas... algumas produções que renderiam um puta home vídeo.

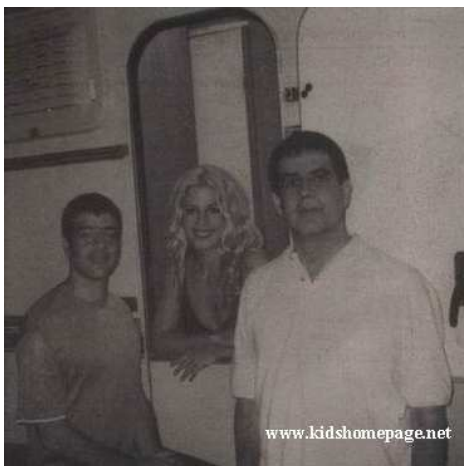
**Bruno Fortunato** - A pior sensação que a gente tem com relação a isso é o disco acústico, que a gente adora e que não teve uma boa negociação com a MTV. Na época não houve interesse e o Multishow filmou, então essa foi a pior mancada com relação a isso, sem ficar aqui nessas lamentações de Jó.

**Paula Toller** - Em geral é caro... e eles não têm como vender isso, então acaba ficando uma coisa sempre em segundo plano. Agora com o DVD é uma outra coisa. Então, quando você vê alguém que tem material - ou é uma pessoa que investe, coisa que a gente já fez várias vezes; ou você tem aquele "irmão", que faz porque é amigo ou porque está a fim de fazer. Fora a questão contratual dos clips, porque nenhuma gravadora assina um contrato decente com um diretor de clip. Então depois, na hora de usar, fica sem poder usar e é uma loucura. Você sabe disso, porque não se faz um contrato... pra você

ver como tem coisa amadora por aí nesse negócio. A gente ainda tem que subir vários degraus pra ficar sério.

**International Magazine** - Vocês não parecem ter grande interesse por registros ao vivo, porque em 18 anos vocês só tem dois discos - um dos quais sendo um projeto acústico.

**Paula Toller** - Não, mas a gente gosta muito de fazer show. Eu gosto muito... mas não gosto muito de disco ao vivo. Eu particularmente, Paula, não gosto muito... e hoje em dia até saem discos ao vivo muito melhores. A gente talvez pudesse fazer um muito melhor... e talvez faça em algum momento, não sei qual. A gente já ouviu muita coisa de TV, porque rola muito especial. Mas é diferente, porque você não está preocupado em fazer um negócio que vá ficar. É o momento que vale, então eu não suporto muito erro... e ali rola, porque não rola playback nem nada programado. O disco congela o ruim e tira toda a parte boa que tava rolando na hora. É difícil, eu não gosto muito de disco ao vivo por isso... e sou crítica demais. Quero sempre fazer direitinho... mas a gente pode fazer. Agora, um dos discos que eu mais gostei ultimamente foi um disco ao vivo... só que é dos outros. É o disco do Ira!, que botei pra ouvir no carro e adorei - não sei porque. Tinha um monte de músicas que eu conhecia, foi bem tocado e tinha um clima bom, mas não era necessariamente isso. Tinha alguma coisa ali, talvez ouvir aquelas músicas de novo. Eu não sabia que eu conhecia e gostava de tantas músicas do Ira!. Eles têm uma personalidade muito forte na música e eu adorei.



**International Magazine** - A Warner sugeria discos ao vivo?

**Paula Toller** - Ah, o "Meio Desligado" foi um disco meio sugerido também (rindo)... e meio trabalhado!

**Bruno Fortunato** - Eu concordo com a Paula, tenho as mesmas restrições quanto à ideia. Imagina se não existisse um "Frampton Comes Alive", né? Seria uma lacuna nos anos 70, mas agora é uma outra coisa...

**George Israel** - É um trabalho que você em cima de um material que não representa novidade. É um registro que vai te dar um puta trabalho, porque você ensaia

um show... mas ele não tem novidade no sentido fonográfico. Seria um registro que daria um puta trabalho pra agradar a todo mundo, mas aí cai no que ela falou. É uma puta trabalhadeira, eu vi os caras trabalhando nas fitas do Raimundos e pra fazer o "Ao Vivo" eles gravaram não sei quantas fitas, pra escolher a versão que eles levariam adiante. Como registro é bacana, mas eu teria até mais vontade de ter um vídeo do show. Agora, é como essa história que a Paula falou do Ira!: de repente é maneiríssimo você ter tudo ali junto, bem feito num dia legal. Como registro, às vezes é legal também pegar os melhores pedaços de shows e montar algo bacana.

**International Magazine** - Muitas vezes as gravadoras investem em gravação e filmagem, pra fazer um home vídeo ou um DVD, e aí aproveitam pra mixar para disco ao vivo também. Tem sido assim com vários produtos.

**George Israel** - Nosso disco ao vivo de 86 foi assim, cara, porque o vídeo ficou uma merda e nós tínhamos gravado direitinho, em dois dias, o disco ao vivo acabou sendo feito a partir de um dos shows - porque o primeiro dia foi meio teste. Era pra ter sido um vídeo, mas parece que o filme velou. Só que aí, como tinha o "Nada Por Mim", que era uma música da Paula e do Herbert (Vianna) que a gente ainda não tinha gravado (em disco de estúdio), cuja gravação naquele dia ficou chocante, aí meio que rolou aquela possibilidade daquilo virar um disco. Mas eu acho que ninguém aqui gosta muito daquele disco. Eu não gosto.

**Bruno Fortunato** - Eu não gostei... mas agora acho maneiro pra caramba.

**Paula Toller** - É melhor você fazer quando você tem realmente uma diferença muito grande. Eu fico muito entediada quando vou num show e é igualzinho ao disco. Tem muita gente que vai ao show pra ouvir igualzinho ao disco, e como hoje em dia tem muita coisa programada às vezes você chega num show e escuta exatamente aquilo. Eu acho isso insuportável. Esse disco ao vivo, que a gente nem gosta muito, tem aquele lance do improvisado e versões longas, com uns arranjos quilométricos que você pode até achar horrível - mas que é um show que nada tem a ver com o disco. Sem querer comparar, você vê um show do Neil Young e saca que aquilo é pra você participar como algo especial. Todo mundo que ficou ali vai guardar como um negócio inesquecível.

**George Israel** - Esse último Rock in Rio teve todo um clima de Copa do Mundo, com a galera se juntando como torcida diante da TV.

**Paula Toller** - Você vê que o Brasil tá estranho mas tá engraçado, né? Nequinho se junta pra ver renúncia de senador. É muito louco você ficar a fim de ver o discurso, mas isso é bom... Eu acho isso ótimo, porque a gente sempre tem notícia dos políticos - com o que eles falaram ou fizeram intermediado pela imprensa e pela TV, que é mais manipulável ainda. De repente você começa a assistir à TV Senado e vê como é que aquela pessoa fala, por mais que ela tenha estudado. É bom pra todo mundo.

**International Magazine** - O que você acha deste patrulhamento em cima do posicionamento político de nomes como Caetano Veloso e até Gal Costa? O senador agora ficou mal e as pessoas foram cobrar isso deles.

**Paula Toller** - Caetano é muito respeitado e eu li o que ele falou a respeito. Ele tem sempre um julgamento muito "de cima"; ele diz o que acha de bom e o que acha de ruim, e pronto. E as pessoas é que ficam falando se ele está certo ou se não está, se ele é vaselina ou se não é. Eu gostei do que ele falou a respeito do assunto, mas só acho que o fato de ele estar de saco cheio de tudo isso é uma questão pessoal. Acho até que o que precisa é nego se meter mais em política. A classe média da nossa geração então, que foi muito esmagada. A gente nasceu numa ignorância total de que existia isso e que se podia se meter neste assunto política, seja numa escalinha pequena ou mesmo na política nacional. Então eu sinto falta é disso, tanto que na música o pessoal se reúne pouco... ou quase não se reúne, até pros assuntos de música em si. As pessoas da nossa idade, se você for ver quem está na política, são poucas... e a maioria é terrível. É difícil, então eu acho que é preciso sim.

**George Israel** - É incrível como no Rio as pessoas crescem com quase aversão à política. Eu não sei como é que estão as novas gerações, mas eu lembro que a galera da minha idade queria distância e isso é uma merda.

**Paula Toller** - Não adianta você ficar fora do jogo, você não pode chegar nessa idade e ficar só reclamando. Tem que interferir e aí você sente uma dificuldade, porque falta traquejo mesmo. Você vê, nos Estados Unidos - no dia seguinte daquela confusão lá do Bush - nequinho já estava com uma página deste tamanho, dizendo "precisamos tomar uma providência". Quer dizer, eles têm já esta experiência e são muito mais organizados. Eu gostaria que não só o pessoal da música, mas também a classe média em geral, ficasse mais ligado nisso... porque senão a gente fica só reclamando. Ao invés de ficar tentando resolver as coisas que tem pra resolver, fica só resmungando do apagão etc. E as coisas

que tem que fazer? Você tem que pressionar, né? Como é que você faz isso sozinha? Dando uma entrevista? não é!

**International Magazine** - Lobão cobra isso o tempo todo e diz que se sente sozinho.

**Paula Toller** - Eu acho que ele gosta de ficar um pouco sozinho também, mas eu acho que ele tem uma certa vocação pra ser sozinho. Talvez falte a ele também uma capacidade de se reunir... e isso é uma falta de experiência que todo mundo tem. Todo mundo fica meio de saco cheio, porque é chato marcar mais reunião pra fazer isso. Quando a gente foi a Brasília pro negócio da pirataria, eu conversei com o Gabriel O Pensador sobre este assunto... porque era estranho. "Você é da indústria e é um artista também, você fala o que você quer no seu trabalho mas você pertence a uma indústria; você não está fora dela!" Eu não estou com nenhum problema, isso é política sim e não quer dizer que eu apoie todo o governo e tudo o que o PSDB faz. Mas eu tava ali defendendo um interesse que era meu também... Eu até tenho as minhas opiniões.

**George Israel** - Eu nem sei se a gente recebe o troco disso, porque você empresta sua imagem e sua credibilidade a uma coisa que interessa a você mas que vem lá de fora - das multinacionais e tal. (...) Eu acho muito legal existir um cara como o Lobão, porque ele está levantando essas lebres - muito embora a opinião que ele tenha não seja necessariamente a verdade. Mas é legal, porque esse disco dele levantou a história. Eu não sei no que é que está dando isso em termos práticos, porque acho que só estão numerando os discos do Lobão. (risos) Foi maneiríssimo, ele fez o disco dele e lançou de uma maneira diferente e conseguiu furar uma história. É bacana, é muito legal. Agora, parece que só tem maluco falando sobre esse assunto: Tim Maia falava dessas coisas e agora temos o Lobão, e essas pessoas são tratadas como loucas. Ele está se auto representando, seria ótimo que ele representasse todo mundo, mas ele está sendo tratado como um louco que resolveu lutar solitariamente. Falta um meio de campo lá.

**International Magazine** - É, mas vocês não brigam pelo disco numerado.

**Paula Toller** - Não é numerado... mas e o jabá, que eles inventaram e que agora estão se dando mal? Por que é que não vai lá e faz uma coisa que nem foi com a pirataria? Não é que tenha dado certo e acabado com a pirataria, mas tomou uma providência.



**International Magazine** - Os artistas que abriram a boca para falar de jabá acabaram tendo que botar a viola no saco.

**Paula Toller** - Não, mas agora para todas as gravadoras e para todos os presidentes de gravadora está ruim o negócio. Porque o feitiço virou contra o feiticeiro, porque agora nego cobra e não toca! (rindo)

**International Magazine** - Dá calote?

**Paula Toller** - Não toca! Estou falando de conversas que se tem com presidente de gravadora. "Vem cá, reúne lá a ABPD e fala 'acabou!'" Mas aí um não quer acabar e a coisa não rola. Na história da pirataria nego chega junto quando quer; o chato é que a coisa está tão séria que você começa a achar que vai acabar entrando também na pirataria.

**International Magazine** - O CD já era, com um CD virgem a R\$ 0,90 no camelô.

**Paula Toller** - Na questão de numerar, se você começar a vender faixa na Internet isso vai ficar até obsoleto. Mas é claro que tinha que numerar... O CD single não deu certo... mas vender faixa dá. Olha, sinceramente, se você me disser que a pirataria é totalmente extra oficial, hoje em dia eu já desconfiaria disso. É aquela coisa, se você

combate... combate... combate... e vê que não vai ganhar, o que é que você faz? É terrível achar que isso possa ser verdade! (...) O disco da Legião estava na feira de São Cristóvão antes de estar na loja... e não era pirata não! Entre o estoque de lá, o caminhão e o estoque daqui umas caixas aí sumiram. Às vezes dá vontade de você se piratear, porque dá tanta raiva! (rindo)

Por: Marcelo Fróes & Marcos Petrillo

(publicado na International Magazine nº 75, junho de 2001)

Cedido por André Felipe